

RELATO DE EXPERIÊNCIA

PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS PERPASSADAS PELO ESPAÇO GEOCULTURAL

Antonia Alves Pereira¹; antonialves@unemat.br

RESUMO

Este relato apresenta a experiência de uma disciplina do curso de jornalismo da Unemat, oferecido em Rondonópolis-MT, com foco no jornalismo local e regional. O processo foi realizado a partir da inclusão das áreas das geografias da comunicação e da educomunicação em confronto com os estudos de cidades e regiões do IBGE e com o conhecimento deles sobre a realidade na qual estão inseridos. A abordagem também contemplou os novos arranjos jornalísticos, a curadoria de notícias, o jornalismo cidadão, o jornalismo de solução, o jornalismo com foco educomunicativo, o jornalismo socioambiental e os novos modelos de negócios para a atuação do jornalista. Ficou demonstrado que a dimensão dialógico-cidadã não é apenas latente, mas explícita nas práticas jornalísticas dos estudantes deste curso.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo. Jornalismo Local e Regional. Jornalismo Independente. Geografias da comunicação. Educomunicação.

1. INTRODUÇÃO

Este relato contextualiza a experiência da disciplina “Tópicos Especiais em Jornalismo” em duas turmas do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) no município de Rondonópolis nos meses de agosto e outubro de 2024. A professora efetiva que integra o corpo docente do curso de oferta contínua da instituição, sediado no Campus de Tangará da Serra desde 2017, vivenciou com os alunos trouxe novos desafios e perspectivas para o ensino de jornalismo local e regional no âmbito das Geografias da Comunicação e da Educomunicação, áreas oriundas do mergulho transdisciplinar das áreas da Comunicação, Geografia e Educação.

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), atuando em cursos de Jornalismo e interculturais e no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Intercultural Indígena (PPGECII).



As aulas da disciplina foram presenciais com o amparo do ambiente virtual de aprendizagem (Turma Virtual do sistema acadêmico SigaA), configurado com todo o conteúdo e espaços de interação entre as duas etapas de encontros presenciais, levando as turmas do matutino e do noturno à elaboração de um produto final da disciplina. Por ser ampla, a ementa de “Tópicos Especiais em Jornalismo” possibilita a escolha do enfoque contemporâneo a ser recortado em cada oferta: abordagens de temas de interesse do curso; temática atual do campo do jornalismo; jornalismo de dados; jornalismo e sua intersecção nas redes sociais; jornalismo investigativo; jornalismo independente; curadoria em jornalismo (Unemat, 2021).

Diante desta possibilidade, o recorte proposto visava discutir o jornalismo local e regional com atenção ao papel social do jornalismo. Este caminho foi realizado com a meta educomunicativa do exercício da cidadania, a premissa de que o indivíduo se torna cidadão à medida que o lugar lhe der condições (Santos, 2020) e os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2017; 2018) para compreender os fluxos entre cidades e regiões. As Geografias da Comunicação e a Educomunicação apresentaram possibilidades para que os estudantes observassem o empoderamento cultural e social que pode incorporar a atuação do jornalista, um cidadão que precisa de um olhar inovativo e sensível ao contexto local e regional.

Considerada “patrimônio do povo de Mato Grosso”, a Unemat é uma instituição que se movimenta pelo território a partir das demandas apresentadas pela gestão municipal e pelas políticas públicas para propor programas de formação de professores em serviço e de profissionais bacharéis e tecnológicos, bem como a incorporar em sua missão outros programas de âmbito nacional². Os cursos são pensados para uma oferta única com financiamento externo (municipal, emenda parlamentar impositiva ou programas federais, etc). Duas ofertas de jornalismo capacitaram profissionais em serviço em Alta Floresta (2013-2016) e em Rondonópolis (2021-2025) a partir do olhar dos professores efetivos e/ou contratados que atuam e trazem ângulos investigativos a

² Desde o início da década de 1990, a Unemat oferece cursos superiores por meio do Programa de Licenciaturas Parceladas (as Parceladas), oferecido nas férias escolares para professores em serviço por meio de convênio com as prefeituras municipais. Outro programa para os indígenas desde 2001, formando professores indígenas não apenas para Mato Grosso, pois da primeira turma colaram grau 20 professores de etnias de 10 estados brasileiros. Desta forma, integra programas da Universidade Aberta do Brasil para a educação a distância, Parfor, Parfor Equidade, Rede Prilei, dentre outros.

partir de seu interesse pela pesquisa, dando maior amplitude à oferta. Criado em Alto Araguaia (2006-2021), uma cidade pequena que viu o mercado saturado em dez anos, o curso migrou para Tangará da Serra, como explicitado anteriormente.

Com quase 250 mil habitantes, Rondonópolis apresenta extensão territorial de 4.824.505 km², está no nível hierárquico de Capital Regional C (2C), influenciado pelo Arranjo Populacional de Cuiabá (2A) na centralidade urbana das Regiões de Influência das Cidades (Regic) e localizado na mesorregião Sudeste Mato-grossense. O município é uma das cinco regiões intermediárias, composta por outros 18 distribuídos em três regiões imediatas – Jaciara (4 centros), Primavera (4) e Rondonópolis (10). À imediata de Rondonópolis pertencem Alto Araguaia, Alto Garças, Alto Taquari, Araguainha, Guiratinga, Itiquira, Pedra Preta, São José do Povo e Tesouro. O Atlas da Notícia aponta São José do Povo, Araguainha e Tesouro como desertos de notícias. Em divisão estadual que loteia o estado em 12 regiões, Rondonópolis é a cidade-sede da região sudeste (V) com 19 municípios (além dos 18 de sua intermediária, Gaúcha do Norte a integra, mesmo pertencendo à intermediária e à intermediária de Barra do Garças e Canarana, respectivamente. Nesta organização, Araguainha pertence à região leste (IV), tendo por cidade-sede Barra do Garças.

Em Mato Grosso, as distâncias apontam distintas possibilidades, inclusive para a formação em jornalismo. As duas cidades apontadas como desertos de notícias, que foram beneficiadas com a pavimentação da MT-100 estão mais próximas de um curso público sediado em Barra do Garças – Araguainha (a 128,5 km desta e a 176,5 km de Rondonópolis) e Tesouro (a 140 km e a 154 km Rondonópolis). Os cursos públicos são oferecidos por duas instituições (UFMT, Cuiabá e Barra do Garças; e Unemat, Tangará da Serra e Rondonópolis) e os privados por três instituições (Unic, Cuiabá; Unifama, Guarantã do Norte; Fasipe, Sinop). Na plataforma e-MEC <emec.mec.gov.br> do Ministério da Educação constam 16 registros de cursos na modalidade a distância (dois não iniciado, ofertados instituições que atuam em nível nacional).

Quanto aos veículos de comunicação que passaram a ser incluídos na Regic de 2007 para a delimitação da centralidade urbana, a relação dos cursos pode ser aferida nesta perspectiva para compreender a atuação do egresso – que sinalizamos para estudos futuros. Por ora, citamos o número de veículos que o Atlas da Notícia aponta

para a região imediata de Rondonópolis (34 veículos), Alto Araguaia (8), Alto Taquari (5), Alto Garças (3), Guiratinga (2), Pedra Preta (2) e Itiquira (1). No curso em Rondonópolis há uma estudante de Poxoréo (região imediata de Primavera do Leste).

Outro desafio observado na turma de Rondonópolis é a inclusão pedagógica de estudantes com deficiência visual – duas que nasceram com visão e a perderam depois de adulta – Débora e Elismárcia; e outra com baixa visão – Marilene. Situação que demonstrou que uma coisa é estudar e defender a inclusão, outra é colocar em prática na sala de aula esse discurso por meio de postura, linguagem, diálogo e materiais. Por mais que se tentasse realizar a auto audiodescrição ou a audiodescrição dos materiais, a professora acabava esquecendo e quando se lembrava, sorria e dizia: “Elismárcia, me esqueci de fazer a audiodescrição da imagem das telas dos slides”. Ela argumentava que não havia problema, pois a uma colega já o fizera, quando o profissional leitor não estava na sala. Militante da causa inclusiva, Débora estava sempre atenta e ao perceber deslizes, apontava a maneira mais inclusiva de atuação como uma convocação. No grupo de Whatsapp, Marilene fazia sempre a descrição das imagens que circulavam.

Nas duas turmas há significativa presença de pessoas com mais de 40 anos em buscavam uma segunda graduação ou de profissionalização na área em que já atuam. Além da comunicação, há profissionais de outras áreas na turma – saúde, assistência social e educação. São 15 estudantes na turma matutina e 36 que estudam à noite, as estudantes PCD estão nas duas turmas, despertando-as para uma vivência inclusiva, pois alguns se preocupam em realizar a audiodescrição em suas falas.

A experiência aqui detalhada se inspira na dimensão dialógico-cidadã latente ou explícita nos cursos de jornalismo (Pereira, 2023), conforme veremos adiante.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Em duas etapas, a disciplina trabalhou os mesmos conteúdos com as turmas em dois módulos que receberam interações que se mesclavam às experiências de vida dos estudantes. No primeiro módulo, cada temática culminava com discussão virtual no fórum da Turma Virtual em que cada estudante deveria realizar uma postagem e dois comentários nas postagens de dois colegas, demonstrando seu entendimento sobre o

tema estudado. Ao final desta etapa, houve uma discussão presencial para dar respaldo à elaboração do relatório síntese dos fóruns a ser entregue no módulo seguinte. Além desta avaliação, outras duas ampliaram as discussões: seminário a partir de três obras que dariam condições para que eles pudessem elaborar um produto final com foco no jornalismo independente e/ou de cunho empreendedor na região. As obras foram: Jornalismo em ambientes multiplataforma (Nunes, 2016); Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas (Figaro; Nonato, 2021); e Como se banca o jornalismo? Modelos, tendências e reflexões sobre o financiamento de mídia (Capoano, 2022).

Com o Intercom Remoto e o GP Geografias da Comunicação no dia 27 de agosto de 2024, as turmas participaram dessas discussões, sendo que pela manhã foi possível acompanhar as apresentações on-line com pesquisadores de todo o Brasil, e à noite, foram compartilhadas as perspectivas de estudos dessa área. Ao compreenderem as abordagens, todos ficaram encantados sobre como o olhar geográfico complementa as produções jornalísticas, indo além da informação para indagar como os serviços de alta complexidade de um centro urbano atrai o deslocamento de moradores circunvizinhos em busca de bens e serviços, repercutindo em maior ou menor empobrecimento dos cidadãos, visto que os de fora assumem custos adicionais de locomoção (transporte, alimentação e hospedagem). Outro aspecto problematizado são os desertos de notícias, percebido em relação a São José do Povo, município sem veículo jornalístico a 46 km de Rondonópolis, mas que é impactado pela cidade do entorno.

As turmas foram consideradas como um ecossistema formativo jornalístico que precisa olhar para seu interior para fortalecer a dimensão dialógico-cidadã para uma atuação com compromisso social e sensibilidade. A experiência relatada demonstrou que a referida dimensão é explícita no repertório destes estudantes, mas em alguns precisava ser despertado como possibilidades, conforme veremos adiante.

3. DO NARRADOR DIALÓGICO AO EXERCÍCIO PROFISSIONAL

O sedimento do conteúdo trabalhado propiciou a apreensão reflexiva e dialógica com o repertório pessoal, acadêmico e profissional, compreendendo o jornalista como narrador dialógico (Reis; Thomé, 2022), a cultura da paz no jornalismo como empenho

intencional (Cabral; Feltrin, 2023), o jornalismo de solução como incentivo à cidadania (Gerevin, 2021), a intrínseca relação entre Educomunicação e o jornalismo cidadão (Pitanga, 2023), o jornalismo independente como oportunidade e alerta à precarização (Oliveira; Ferreira, 2016; Coêlho; Souza; Amorim; Pereira, 2020) e os estudos do IBGE, do Atlas da Notícia e das distintas regionalizações em Mato Grosso (região de planejamento, da Funai e de segmentos como educação, saúde, dentre outros) como complemento à atuação jornalística.

Os fóruns de discussões trouxeram olhares atentos ao contexto local e regional dos estudantes, demonstrando que sua vivência incorpora muitos dos elementos que foram apontados pelos autores estudados, como se percebe nos comentários de alguns estudantes (E), selecionados para delineamento em três fóruns (F): narrador dialógico (F1), jornalismo e cultura da paz (F2) e jornalismo de solução e cidadão (F3).

Ao incorporar a postura do narrador dialógico (F1), as falas de sete estudantes demonstraram que perceberam que não precisam esconder as marcas de subjetividade no discurso jornalístico, que isto pode ficar evidente em sua fala, que podem trazer as experiências e vivências para suas narrativas a fim de criar conexão com o público. Esta conexão deixaria suas produções mais dinâmicas e reverberariam nas experiências e nas emoções dos sujeitos de suas histórias, criando vínculos com a audiência mesmo quando apontar algo dos bastidores. Assim desempenhariam sua profissão com mais empatia sem abandonar o processo rigoroso de checagem dos fatos, assim como ao priorizar as pautas de interesse comunitário para ajudar os sujeitos na superação de preconceitos pela escuta de líderes que defendam essas posições.

As discussões sobre o jornalismo e a cultura da paz por um viés decolonial levou a turma a perceber o lado oposto dos veículos hegemônicos e a necessidade de notícias e reportagens que não ataquem, ao contrário, que promovam o diálogo entre as partes envolvidas. Os comentários (F2) apontaram outras formas de abordagem da prática jornalística, linguagens, formatos e narrativas como abertura de espaço aos grupos invisibilizados, conforme se percebe na fala de 16 estudantes que acenaram para um tipo de jornalismo que seja mais inclusivo, humano, colaborativo e cidadão. Para eles, esse jornalismo abriria espaço para grupos minoritários estigmatizados e entidades que realizam atendimento a sujeitos diversos que gritam por espaço sem oportunidade

para dizer sua voz por meio de narrativas que abram espaço aos líderes e ativistas locais, delimitando um olhar mais humano na imprensa local.

Neste contexto, a inclusão de pautas de interesse comunitário, formação cidadã, inclusão social e de vozes diversas, iniciativas de paz e justiça social, questões sociais e questões de igualdade racial levam as narrativas como ferramenta de transformação social que possibilitem o empoderamento dos envolvidos na busca da coletividade para a resolução de dilemas sociais locais. Neste contexto, o diálogo intercultural abre alas para uma cobertura que propicie visibilidade pelo impacto positivo das iniciativas e valorização das culturas tradicionais que geram maior engajamento com a cultura local, assim como conscientização, apoio e respeito aos atores sociais envolvidos. Para os futuros jornalistas, um jornalismo assim abre espaço para a divulgação de projetos sociais e de práticas culturais e esportivas que provoquem empatia, assim como pode tornar as redações mais inclusiva com a adoção de ferramentas especializadas.

No terceiro fórum (F3), a turma deveria fazer um paralelo entre o jornalismo de solução e o jornalismo cidadão para se posicionar em duas possibilidades. De um lado, responder os resultados apontados como jornalismo de solução no Programa Cidades e Soluções com foco no jornalismo praticado em Rondonópolis. De outro, deveriam se questionar sobre o Jornalismo Cidadão e a Educomunicação e observar neles os elementos coincidentes que poderia apontar para um jornalismo educomunicativo, ao final, elencando dez premissas para o exercício jornalístico de cunho cidadão. Para a primeira escolha, cinco estudantes ponderam que seria fácil ampliar o jornalismo local com temas sociais e comunitários, criação de editorias e com a ampliação do projeto de extensão do curso. Isto se faria por meio de inspiração em iniciativas comunitárias em parcerias de universidades, ONGs, acadêmicos e sociedade civil para soluções inovadoras com o engajamento da comunidade e políticas públicas. Foram citados a rádio Câmara por ser um espaço aberto ao público e de maior possibilidade para a criação de leis e o podcast “Conexão comunidade” do curso de Jornalismo.

Na segunda opção, os estudantes frisaram que o jornalismo de cunho cidadão e educomunicativo compartilham da ideia de democratizar a informação e o acesso aos meios de comunicação, a valorização da participação ativa da comunidade na produção e disseminação de conteúdos, buscando dar espaço para as vozes à margem das mídias

tradicionais. As premissas para o jornalismo cidadão e educomunicativo elencadas são: participação comunitária, transparência no processo, responsabilidade social, educação para a mídia, foco na educação crítica, acesso democrático à informação, inclusão de vozes marginalizadas, promoção de diálogo e debate, e valorização do conhecimento local. De maneira complementar, estes elementos demonstram que sua razão de ser está alinhado às demandas da comunidade que participa do processo de produção da notícia e observa a transparência das informações coletadas, produzidas e divulgadas por meio de uma participação direta, ativa e cívica, e da pluralidade de visões para ajudar o cidadão na tomada de decisões cotidianas.

O jornalista passa a atuar como protagonista nos processos sociais, orientador e facilitador do processo para assegurar o acesso à informação, independentemente de sua classe social, raça, gênero ou localização geográfica. A mídia se torna mais plural quando apresenta informações de interesse público, suscita iniciativas para fortalecer a comunidade local que interage com a coletividade por meio de produção colaborativa e do empoderamento comunitário que estimula a consciência crítica, a cidadania participativa e a transformação social. É o compromisso social do jornalismo calcado em sua responsabilidade social e na promoção do diálogo e do debate que promove o bem-estar social e a justiça, a qualidade dos conteúdos, a transparência e a empatia. A abertura para ouvir diferentes perspectivas de maneira respeitosa a partir de uma visão mais abrangente e representativa do local e global, torna a prática jornalística apta para confrontar todas as versões para o esclarecimento de situações-problemas, estabelecer estratégias a partir de sua credibilidade para aproximar agentes e cidadãos, dialogar com o público e adotar um modelo comunicacional dialógico que incentive o público a participar das notícias como coautores, sujeitos ativos e críticos da prática jornalística.

Isto porque o acesso democrático à informação, a educação para a mídia e educação crítica se tornam ferramentas para a inclusão, a diversidade, a convivência com diferentes segmentos sociais e os distintos projetos de alfabetização midiática e de educação para o consumo crítico de informações que capacite para entender e utilizar os meios de maneira crítica, consciente e reflexiva. O empoderamento cidadão, a valorização do conhecimento local e a inclusão de vozes propiciam ações jornalísticas em sintonia com os saberes e as experiências locais.

4. ATUAÇÃO COMO JORNALISTA EM MEIO À CRISE

Não é de hoje que o mercado jornalístico está em crise, obrigando os jornalistas a buscarem alternativas para sua sobrevivência na profissão com práticas jornalísticas, comunicativas e educomunicativas. Além das obras apresentadas, anteriormente, outras discussões ajudaram na elaboração do produto final, a saber: curadoria de notícias (Teixeira, 2023; Castilho, 2015; Comunique-se, 2022; Foggiato; Lima; Storch, 2016), educomunicação socioambiental (Vasconcelos, 2019) e educação midiática. Como síntese, os produtos apresentados, em grupo, agregaram novos horizontes. As propostas foram diversificadas para responder aos desafios da localidade com foco nos estudantes, comunidade, comunicação institucional e práticas jornalísticas.

Os estudantes foram o foco de três experiências a serem trabalhadas em site, portal e Instagram: novos talentos conhecidos por suas notícias e reportagens publicadas sob a supervisão de jornalistas e professores; notícias universitárias para integrar as distintas comunidades acadêmicas da cidade; oportunidades de estágio e divulgação de projetos de extensão dos cursos e conquistas dos estudantes.

Com foco na comunidade, sites noticiosos seriam voltados para temáticas como: agricultura familiar; histórias, diversidade e cultura cotidiana; questões ambientais; e biodiversidade do bioma. Três propostas com foco nos PCD e neurodivergentes para ampliar a comunicação inclusiva (site estruturado com recursos assertivos, assessoria para empresas com foco na contratação e integração deste público e podcast).

A comunicação institucional esteve em cena com seis propostas: assessoria para pessoas idosas que utilizam tecnologias digitais (inclusão, autonomia e segurança), cooperativa de jornalistas (produtos e serviços), assessoria de imprensa (projeto de uma universidade em vista de sua atuação em eventos), agência de comunicação (marketing digital, publicidade, jornalismo e influência, canal para divulgar resenhas de livros, músicas, filmes e jogos eletrônicos (YouTube) e vídeos curtos com trechos selecionados das análises desse canal (no formato Reels/Shorts no Instagram)).

Outros produtos pensados foram: sites para trabalhar o jornalismo colaborativo com a participação dos cidadãos e da comunidade com denúncias a serem apuradas pelos jornalistas e o turismo regional articulado a setores de viagens e hotelaria; site

especializado em cultura geek, tecnologia e entretenimento e exclusivo para as pessoas trans como um jornalismo Anti-transfóbico; entrevistas em podcast para ampliar as vozes ignoradas pela mídia e em vídeocast para conhecer a cultura regional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do ensino de jornalismo na cidade de Rondonópolis demonstrou que o curso da Unemat e os estudantes conservam em si a dimensão dialógico-cidadã própria de ecossistemas formativos jornalísticos que buscam atender a demanda do local por meio de um jornalismo de emancipação social e cultural. As discussões dos fóruns e os produtos apresentados por estes sujeitos para o jornalismo independente apontaram que as geografias da comunicação e a educomunicação são áreas que perpassam de maneira transversal aos demais conteúdos do currículo formativo.

REFERÊNCIAS

Atlas da Notícia. **Mapeando o Jornalismo Local no Brasil**. 2024. Disponível em: <https://atlas.jor.br>. Acesso em: 08 jan. 2025.

CABRAL, Raquel; Feltrin, Diuan. Reflexões sobre comunicação para a paz a partir de uma perspectiva do Sul Global e decolonial. **E-Compós**. São Paulo, v. 26, 2023.

CAPOANO, Edson. **Como se banca o jornalismo?** Modelos, tendências e reflexões sobre o financiamento de mídia. São Paulo: Atena, 2012.

CASTILHO, Carlos. Curadoria de notícias ganha espaço na comunicação digital. da Imprensa, São Paulo, a. 25, 19 jun. 2025. Disponível em:
<https://www.observatoriadimprensa.com.br/codigo-aberto/curadoria-de-noticias-ganha-espaco-na-comunicacao-digital>. Acesso em: 08 fev. 2025.

COÊLHO, Tamires Ferreira; SOUZA, Vinícius Guedes Pereira de; AMORIM, Thays Luz; PEREIRA, Letícia Fernanda Souza. Mapeamentos iniciais do jornalismo digital independente em Mato Grosso: uma análise de autodescrições de sites. **Revista Alterjor**. São Paulo, 2020, p. 357-374.

COMUNIQUE-SE. Curadoria de conteúdo: saiba o que é, a importância e como aplicar em sua estratégia de clipping. São Paulo, 08 set. 2022. Disponível em:
<https://www.comunigue-se.com.br/blog/curadoria-de-conteudo-clipping>. Acesso em: 08 fev. 2025.



FÍGARO, Roseli; NONATO, Cláudia (Org.). **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil**: organização, sustentação e rotinas produtivas. São Paulo: ECA-USP, 2021.

FOGGIATO, Andressa Doré; LIMA, Jocéli Bisonhim Lima; STORCH, Laura Strelow. Curadoria: uma nova possibilidade para a produção jornalística. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, n. XVII, 2026. Curitiba/PR: Intercom, p. 1-14.

GEREVINI, Isadora Dezorzi. Jornalismo de solução e a produção de um jornalismo engajador. **Anagrama**. Passo Fundo, v. 15, n. 2, p. 1-17.

IBERDROLA. Jornalismo Ambiental: a melhor forma de conscientizar sobre as mudanças climáticas. s/d. disponível em: <https://www.iberdrola.com/cultural/jornalismo-ambiental>. Acesso em: 08 fev. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Regiões de influência das cidades 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

_____. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

NUNES, Pedro (Org.). **Jornalismo em ambientes multiplataforma**. João Pessoa: Editora do CCTA. 2016.

OLIVEIRA, Liliane; FERREIRA, Soraya. Jornalismo Independente no Brasil: Mídia Independente x Mídia Tradicional. In: Simpósio Nacional ABCiber, n. IX. 2016. Cibercultura, democracia e liberdade no Brasil. São Paulo: ABCiber, 2016, p. 1-16. Disponível em: <https://abciber.org.br/simpósio2016>. Acesso em: 08 fev. 2025.

PEREIRA, Antonia Alves. Formação em Jornalismo: um estudo de projetos pedagógicos e práticas pedagógico-comunicacionais em diferentes regiões brasileiras. 315 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

PITANGA, Christiane. Relação entre Educomunicação e o jornalismo cidadão. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de; ALMEIDA, Raija Maria Vanderlei de. **Educomunicação e Educação Midiática nas práticas sociais e tecnológicas pelos Direitos Humanos e Direitos da Terra**. São Paulo: ABPEducom, 2023, p. 25-42.

REIS, Marco Aurélio; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. O narrador dialógico na reconfiguração do Jornalismo pós-guinada subjetiva. **Rizoma**. Santa Cruz do Sul/RS, v. 11, n. 2, p. 27-47.

VASCONCELOS, Samiles. Guia prático de Educomunicação Socioambiental – a importância da Educomunicação no processo de ensino-aprendizagem. Acaraú: IFCE Acaraú, 2019.